

Relato de experiência de proposta pedagógica através do processo criativo composicional na Educação Musical com deficientes

Pôster

Dr^a Juliana Marília Coli
UFES – Universidade Federal do Espírito Santo
colijuliana@gmail.com

Aline Bahia dos Anjos
UFES – Universidade Federal do Espírito Santo
alinebahia2011@hotmail.com

Hugo Bautz Küster
UFES – Universidade Federal do Espírito Santo
hugobkuster01@gmail.com

Sonia Vieira de Amorim Almeida
UFES – Universidade Federal do Espírito Santo
shonhaamorim@hotmail.com

Resumo: Sob a orientação da docente Dr^a Juliana Marília Coli, na disciplina “Práticas Pedagógicas IV: Música e Inclusão”, aqui entendida como processo transdisciplinar que coloca a música em um campo aberto que pode contribuir na aprendizagem musical, bem como a qualidade de vida das pessoas, porque “a educação musical educa e reabilita”, como bem observa (LOURO; ALONSO; ANDRADE, 2006, p. 27; SANTOS; LOPARDO, 2018). Este projeto que foi desenvolvido com alunos do curso de Graduação de Música da Ufes, traz o relato de uma experiência de composição e criação musical apresentados para pacientes de uma “Residência Terapêutica”, doentes mentais adultos em estado grave e com o regressão cognitiva que os coloca com idade mental entre 3 e 8 anos de idade, na cidade de Vitória-ES, que puderam participar apreciando e participando de ambientes que antes não lhes era permitido acesso. O foco deste relato foi o de produzir um material realizado pelos alunos, buscando assimilar a contribuição do estímulo da música ao desenvolvimento cognitivo e inclusão social. Neste relato de experiência usamos como condutor metodológico a pesquisa-ação, onde através da observação e posterior intervenção no campo de estudo qual seja: o estudo e intervenção junto às pessoas com deficiência mental grave e do processo de inclusão dos mesmos no ambiente universitário.

Palavras-chave: Inclusão Social, Educação Musical e Deficiência Mental.

Introdução

O presente relato tem como objetivo geral descrever nossa experiência no processo criativo na composição musical voltado para deficientes mentais, tendo em vista um processo pedagógico, objetivando trazer a compreensão e a atuação da música enquanto ferramenta que, no campo da educação musical voltada para deficientes e para o auxílio dos arcabouços teóricos da educação musical especial, podem ajudar na promoção da inclusão social, além de servir como estímulo a futuras pesquisas e projetos que se encaminhem a este propósito.

O indivíduo com deficiência como objeto de observação em nossa pesquisa, mostrou que através de planos metodológicos direcionados à inserção da música em projetos de integração social, produziram uma ação positiva-prática tanto para os alunos participantes, sensibilizando-os para o assunto, quanto para uma ação inclusiva dos pacientes.

A inserção de pessoas com deficiência no âmbito musical pode ser feita tanto de forma pedagógica quanto terapêutica. Enquanto a educação musical visa o desenvolvimento, a sensibilização e a capacitação do educando no que diz respeito a aquisição do conhecimento e prazer musical, a musicoterapia age na promoção da saúde, através da melhora de processos psicofísicos das pessoas, também é importante relatar que ela contribui para a redução do uso de remédios (LOURO et al. 2005, p. 11-17; AREIAS, 2016, p. 8).¹ Nós aqui, utilizamos a Educação Musical com objetivos pedagógicos (inclusão musical) e terapêuticos (desenvolvimento humano e cognitivo), sem que o processo tenha prescindido o prazer estético proporcionado pelo espetáculo.

A música além de uma das formas de expressão do ser humano, é responsável por contribuir para a promoção do desenvolvimento emocional, do relaxamento, autoconhecimento, criatividade e a integração social. Ela “pode ser um dos caminhos – em

¹ A inclusão social é um assunto sob discussão e análise de diversos setores da sociedade. No que se refere a inclusão de pessoas com deficiência, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência diz que: “Toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação” (Lei nº13.146, BRASIL, 2015, Art. 4º).

Segundo Beteman R; Merton R. (2007. apud SALLES; BARROS 2012, p. 2130). “A inclusão social significa na prática que a sociedade precisa acolher e incluir as pessoas com transtornos mentais. Esta não é uma tarefa apenas para os familiares e serviços de saúde mental, a comunidade como um todo precisa ter uma atitude de inclusão ativa. Isto significa que é preciso transformar a maneira de ver as pessoas com transtornos mentais como os “outros”.”

alguns casos, mais rápido e bastante eficiente – para se promover o equilíbrio de estados fisiológicos e/ou também, emocionais envolvidos no “adoecer” do ser humano” (CAMPOS, 2006, p. 611).

Mais significativo ainda é a música como terapia para o indivíduo em processo de tratamento mental dentro das clínicas especializadas, como demonstram diversas pesquisas práticas em observações e análise de seus efeitos.

O valor potencial da música como um agente de ressocialização no tratamento de pacientes mentais é incomensurável. A música é capaz de mudar humor; ela supera sentimentos deprimidos e acalma pacientes superativos. Pode mudar um humor de insatisfeito e destrutivo para um humor satisfatório e construtivo. Já que a música tem esse poder, ela é usada amplamente em pacientes mentais para tirá-los da rejeição, aliviar tensões e permitir o contato com a realidade por meio do relaxamento e da criação de uma saída emocional. (PODOLSKY, 1954, p. 19, tradução nossa).²

O relato de experiência que queremos apresentar refere-se à construção de um espetáculo musical que foi adaptado para pessoas com deficiência mental, realizado no ano de 2017, como parte da disciplina de Práticas Pedagógicas em Música, podendo ser aplicada a crianças dos primeiros ciclos de idade escolar. Um recorte para aplicação deste espetáculo para a criança, dá-se por meio do entendimento que a música influi no cognitivo humano e promove uma conexão entre duas linguagens importantes que aparecerão na apresentação deste relato de experiência: expressão musical e expressão gráfica, que produzem sentidos que se aproximam da realidade.³

A ação ocorreu com a participação como ouvintes de cerca de 17 indivíduos de uma “Residência Terapêutica”⁴, juntamente com os profissionais cuidadores e a psicóloga

²*The potential value of music as a resocializing agent in treating mental patients is immeasurable. Music is capable of changing mood; it overcomes depressed feelings and calms over-active patients. It can change a dissatisfied and destructive mood to a satisfied and constructive one. Since music has this power it is being used quite widely on mental patients to bring them out of exclusion, relieve tensions and afford contact with reality by relaxation and the creation of an emotional outlet.*

³ “... Da exploração sensorio motora das formas circulares e verticais, desenhadas com força e ocupando o espaço do papel globalmente, à produção do desenho figurativo, que reproduz uma cena, um lugar, é possível perceber pontos de convergência entre a expressão nas duas linguagens” (BRITO, 2016, p. 42-43).

⁴ “As residências terapêuticas constituem-se como alternativas de moradia para um grande contingente de pessoas que estão internadas há anos em hospitais psiquiátricos por não contarem com suporte adequado na comunidade. Além disso, essas residências podem servir de apoio a usuários de outros serviços de saúde mental, que não contam com suporte familiar e social suficientes para garantir espaço adequado de moradia” além de propiciar um processo de inclusão social. (BRASIL, Ministério da Saúde, 2004 p. 5)

responsável pelo acompanhamento do projeto de um bairro próximo à Universidade Federal do Espírito Santo. Com resultados pedagógicos importantes para os alunos e inclusive para os pacientes, promovendo uma integração entre todos e uma reação dos pacientes muito positiva e participativa à apresentação.

Metodologia

A metodologia utilizada neste relato de experiência foi a pesquisa-ação (ALBINO; LIMA, 2009).⁵ Através de análise das observações e intervenções feitas em sala de aula, como sugestão da disciplina de Práticas Pedagógicas em Música, destinado a inclusão social no campo da Educação Musical Especial. O trabalho foi realizado por um grupo de 25 alunos, graduandos em Licenciatura em Música, divididos em subgrupos de trabalho para a elaboração do roteiro, composição das músicas, cenário e figurino. Os pacientes, eram 17, mais 5 cuidadores e a psicóloga responsável pelo grupo. A idade física entre 35 a 60 anos de idade, sendo a mental entre 3 e 8 anos de idade. Este fato foi levado em consideração para a preparação do espetáculo. O processo contou também com uma visita técnica à casa terapêutica e uma apresentação/palestra da psicóloga responsável pelo acompanhamento da atividade.

O tema escolhido para o espetáculo musical, bem como suas músicas, foi pensado e desenvolvido com o objetivo de promover a interação/comunicação entre os estudantes e os pacientes, contribuindo assim para o desenvolvimento da pessoa com deficiência mental. Através do estímulo do trabalho em grupo no contexto de composição cênico-musical, desenvolve-se nos alunos a sensibilidade afetiva e conscientização necessárias para uma atuação comprometida com os desafios inerentes a proposta, através da elaboração de temáticas como a aceitação e sensibilização social, amor, amizade e o respeito às diferenças.

A música e a pessoa com deficiência mental

A deficiência mental é caracterizada como uma soma de problemas que afeta o intelecto de uma pessoa. Tal limitação requer tratamentos especiais, como por exemplo o

⁵ ALBINO, César; LIMA, Sonia Regina Albano de. A Aplicabilidade da Pesquisa-ação na Educação Musical. Revista Música Hodie. Goiânia, n.2, v.9, 2009, p. 91-104. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/musica/article/view/11251/7394>. Acesso em: 09 out. 2020.

Atendimento Educacional Especializado, e auxílio médico em diferentes áreas (BRASIL, Ministério da Educação, 2007, p. 13-15).⁶

A exclusão social de pessoas com deficiência mental, era justificada através do argumento de que era algo para sua própria segurança bem como da sociedade. Eram retirados de suas famílias e levados à asilos psiquiátricos, porém com o decorrer dos anos, diversas críticas a esses asilos e a seus métodos de tratamento surgiram. O processo de inclusão desses indivíduos é algo ainda em andamento, pois a reforma na Psiquiatria é recente (MACIEL et al, 2008, p. 115-124; GOULART; DURÃES, 2010, p. 112-120).

A partir do entendimento da situação em que o indivíduo com deficiência mental se encontra, é possível traçar os meios com os quais se pode trabalhar para a melhora e inserção do mesmo no âmbito musical. “É preciso entender que, de modo geral, estas pessoas perderam, ou nunca desenvolveram, vínculos sociais fora do ambiente de tratamento e que, inclusive, temem desenvolvê-los” (ALVARES; JUNIOR, 2015, p. 69).

A música utilizada como método de tratamento ajuda na promoção da saúde mental, e promove a interação⁷ já que, estudos recentes mostram “[...] a relação entre o estudo da música e o aprimoramento do processamento auditivo, das habilidades linguísticas e metalinguísticas e dos processos cognitivos, que são habilidades inerentes à comunicação humana” (PASSOS; NETA, 2018, p. 2).

A música como ferramenta pedagógico/terapêutica

A motivação para o desenvolvimento e execução de um projeto musical direcionado às pessoas com deficiência mental, deu-se pela compreensão sobre a necessidade do desenvolvimento de projetos com a finalidade de produzir pesquisas que contribuam na prática da produção de significações cognitivas para o desenvolvimento humano produzida pela música.

⁶ É considerada pessoa com deficiência, toda aquela que possui “[...] impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas” (Lei nº13.146, BRASIL, 2015, Art. 2º).

⁷ “... a música, assim como as outras artes, contribui com a construção de espaços sociais que possam acolher a diversidade humana” (ALVARES; JUNIOR, 2015, p. 71).

A música e sua importância no tratamento de pessoas com deficiência, através de sua aplicação e obtenção de resultados positivos, tem sido tema de estudos e foco de pesquisas a exemplo de (BENZON, 1988; GAINZA, 1982; LOURO, 2006), além das recentes contribuições da neurociência sobre o assunto no campo da neuropsicopedagogia (MUSZKAT, 2012).

Assim, o caminho da música como auxílio no tratamento de pessoas com deficiência mental, através da educação musical e da musicoterapia, busca uma resignificação: reintegrar e ressocializar o indivíduo na sociedade (ARNDT; VOLPI, 2012, p. 29).

A atenção voltada ao indivíduo portador de problemas psíquicos e novas formas de tratamentos também têm sido debatido pela “Reforma Psiquiátrica, que entende que o sujeito deve participar de um processo que o auxilie no resgate de si e em suas relações interpessoais durante um momento de sofrimento intenso” (idem, p. 29).

Neste processo, a música é inserida como aporte ou ferramenta pedagógico/terapêutica no tratamento dos pacientes, podendo revelar emoções e memórias vividas pelo paciente, a exemplo das canções, que mesmo de forma superficial, provoca “o resgate de registros autobiográficos, ou seja, as regressões ontogenéticas” (idem, p. 31).⁸

Corroborando com o pensamento de que as experiências vividas pelo indivíduo no âmbito cultural, social e ambiental, entre outros, e as experiências com a convivência musical em todo o seu processo de desenvolvimento, são depósitos de informações comparados a “ambientes” (PIAZETTA, 2010, p. 1104), sobre este aspecto, esses ambientes guardam informações distintas sobre dados vividos pelo indivíduo. Ainda para PIAZETTA (2010, p. 1104); LOURO (2006); BENZON (1988), a incorporação dos dois elementos: música e mente, dentro da musicoterapia e também na educação musical voltada para pessoas especiais, possui ramificações de pesquisas que produzem bases de sustentação sobre os benefícios da música enquanto tratamento terapêutico e a sua natureza “polissêmica”.⁹

⁸ **Ontogenia** ou ontogênese descreve a origem e o desenvolvimento de um organismo, desde o ovo fertilizado, até a sua forma adulta. É estudada na Biologia do Desenvolvimento. Acesso em <https://www.portalsaofrancisco.com.br/biologia/ontogenia>, em 28 de agosto de 2020.

⁹ Sobre a natureza polissêmica da música, segundo (BARCELLOS, 2015, p. 35), a música se mostra como importante elemento terapêutico, dentro de suas múltiplas funções, no campo da musicoterapia, ela age

Um outro ponto importante ressaltado por (PIAZETTA, 2010, p. 1105), foi estudo pioneiro do psiquiatra e musicoterapeuta Ira Maximilian Altshuler sobre o “Princípio do Isso”¹⁰, que consiste na necessidade do equilíbrio entre o tempo mental e o tempo musical do paciente durante o tratamento.

A música e sua aplicação para o tratamento de deficientes mentais

No registro de (PODOLSKY, 1954, p. 20-23, tradução nossa)¹¹, uma série de experiências relevantes no tratamento com a música foram relatados. Neste processo, o autor cita alguns importantes pesquisadores e suas práticas na aplicação do tratamento nas clínicas para doentes mentais: o Dr. Leonard Gilman no *Army Medical Center* em Washington, D. C., que direciona para organização e análise de integração dos pacientes na averiguação do humor, integração paciente-músico, participação do paciente na construção musical; Frances Paperte, Diretora do Departamento de Música Aplicada no *Walter Reed Army Hospital*, que estabeleceu um sistema geral para aplicação da música para obtenção de resultados durante o tratamento da seguinte forma: “A. Música de interesse apenas rítmico; B. Música de interesse apenas harmônico; C. Música de interesse apenas melódico” (PODOLSKY, 1954, p. 21).

E ainda, o pioneiro em programas de aplicação da música como tratamento, Ira M. Altshuler, M.D. - Wayne County – *General Hospital* e Eloise, Michigan, pesquisador e desenvolvedor do princípio do “Iso”, sistema que consiste em usar música idêntica ao humor ou ritmo mental do paciente, por meio de processo de análise, durante a formação de grupos para tratamento, bem como no tratamento individual, obteve resultados positivos para sua pesquisa, e sua avaliação “foi considerada útil para facilitar a resposta de pacientes mentais à música” (PODOLSKY, 1954, p. 12).¹²

através da sua expressão universal, é um elemento não verbal, através do ritmo impulsiona e organiza movimentos, por meio do uso do instrumento promove ação integradora, tem sentido metafórico que permite que o paciente expresse através da fala o que sente.

¹⁰ PIAZETTA (2010, p. 1105), nomeia em sua pesquisa o “Princípio do Isso”, enquanto no original em inglês é denominado "iso" principle (PODOLSKY, 1954, p. 23). O “ISO” pressupõe a noção da existência de sons internos que nos caracteriza e individualiza.

¹¹ PODOLSKY, M. D. E. *Music Therapy*. New York: Philosophical Library, 1954.

¹² De acordo com Dr. Altshuler, “trabalhar a música na mente dos pacientes significa trazer para si realidades básicas na forma de sentimentos, percepções e imagens” (Idem, p. 23, tradução nossa).

Na busca por melhores resultados sobre a aplicação da música no tratamento de pacientes (ALTSHULER apud PODOLSKY, 1954, p. 23), traz orientações sobre a forma da aplicação e obtenção de resultados.

[...] O Ritmo musical que tem uma forte relação com o ritmo corporal é usado primeiro. Isso mexe e estimula o sentido cinestésico porque a sensação do ritmo corporal passa através da cinestesia. A criança, o débil mental e a pessoa com doenças mentais respondem ao ritmo. A melodia que é tocada a seguir é uma sucessão de tons musicais sentida como uma entidade psicológica. Músicas modificadoras de humor são tocadas após a melodia. Seu objetivo é despertar emoção e modificar o humor. A Harmonia é a forma mais elevada de evolução musical e tem uma influência integradora geral. Música pictórica-associativa estimula imagens e associação de maior intensidade. (Idem, p. 23, tradução nossa).¹³

Neste aspecto, salienta-se que a compreensão sobre o uso da música na forma instrumental por meio dos recursos harmônicos, como observado, trazem resultados diretos ao tratamento.

Já a melodia como “canção” que segundo definição de (ANDRADE, 1989)¹⁴ é uma composição em versos, tem demonstrado grande eficácia no contexto atual. Segundo as autoras (ARNDT; VOLPI, 2012, p. 32)¹⁵, “em um trabalho musicoterapêutico, a música, em especial a canção, pode acessar esses conteúdos que estavam submersos.”

A música tanto na forma instrumental quanto na forma de canções, tem grande relevância no processo de tratamento, trazendo ao paciente mentalmente desordenado uma ordem de escala surpreendente, com respostas significativas, comprovadas no decorrer da história.

Nossa experiência prática, foi realizada a partir dos pressupostos teóricos acima expostos.

¹³Musical rhythm which has a strong relationship with bodily rhythm is used first. It stirs and stimulates the kinesthetic sense because the feeling of bodily rhythm goes through kinesthesia. The child, the feeble-minded and the mentally sick person respond to rhythm. Melody which is played next, is a succession of musical tones felt as a psychological entity. Mood modifying music follows melody. Its purpose is the arousing of emotion and modifying the mood. Harmony is the highest form of musical evolution and has a general integrating influence. Pictorial-associative music stimulates imagery and association of higher intensity. (ALTSHULER apud PODOLSKY, 1954, p. 23).

¹⁴ ANDRADE, Mário de. Dicionário musical brasileiro. São Paulo: Editora da USP, 1989. (Coleção reconquista do Brasil. 2. Série. V. 162).

¹⁵ O poder da canção “de maneira muito eficiente, produz a experimentação de enunciados aos sujeitos, tece novos agenciamentos, oportuniza a criação de outras cadeias de experimentações subjetivas” (CHAGAS, 2012, p. 30).

A experiência na disciplina de práticas pedagógicas

Nossa experiência aconteceu na disciplina de Práticas Pedagógicas IV – Música e Inclusão em Música, que foi realizada através da elaboração de um espetáculo realizado para doentes mentais de uma pequena comunidade residente próxima à universidade.

O desenvolvimento deste trabalho musical, destinado a elaboração e realização de projetos de inclusão da pessoa com deficiência mental, trouxe aos participantes uma experiência de aprendizagem de incalculável valor acadêmico e pessoal.

Por meio da música e a compreensão de sua atuação como linguagem pedagógica e terapêutica em suas muitas significações, o grupo de alunos apresentou-se a um público com problemas psiquiátricos graves e seus cuidadores. O espetáculo musical foi assim pensado e desenvolvido para que proporcionasse aos pacientes e cuidadores um momento de recreação e comunicação.

O grupo de alunos, orientados pela docente, baseou-se em processos e relatos de pesquisas e procurou produzir ritmos programados que trouxessem aos pacientes a possibilidade de acesso a memória musical, a fim de buscar sentimentos e informações acessados por estímulo.

A apresentação da primeira música, “Casaquin de Pena” (Figura 1), ritmo alegre, notas agudas, buscando despertar no ouvinte um sentimento de alegria. A música seguinte, “O Inverno Vai Passar” (Figura 2), baseado em harmonia vocal e mensagem descritiva, possibilitou ao grupo, através da interpretação, a observação dos pacientes-plateia¹⁶ e suas expressões, de identificação (“Iso”) na canção (textos) e na sonoridade proposta.

A terceira experiência musical, “Rap das Coelhas” (Figura 3), trouxe a expressão alegre e instigante da letra, bem como a apresentação visual, com mensagem destinada a incitar a participação do público.

A quarta música, “Vogal do Amor” (Figura 4), foi escolhida para finalização do trabalho musical, um pouco mais introspectiva, trouxe uma mensagem de amizade para que, por meio da participação do grupo de cantores, pudessem reafirmar a importância da união

¹⁶ Pacientes-plateia é o termo que foi usado pelo grupo para identificar o público alvo desta pesquisa. Durante a apresentação estavam presente em torno de trinta pessoas entre cuidadores, equipe administrativa e pacientes do centro de tratamento.

e altruísmo, buscando despertar memórias importantes, que segundo (PIAZETTA, 2010, p. 1104), estão armazenados em campos da memória. As canções demonstram musicalmente os objetivos propostos.

Figura 1: “Casaquin de Pena” Letra: Sonia Amorim. Música: Hugo Bautz Küster.

Casaquin de Pena

Rijó e Polaca

Letra: Sonia Amorim
Música: Hugo B. Küster

Modão Sertanejo
♩ = 100

E A E B7 E

Voz

Co-co-ri - có Co-ri-có Co-co-ri - có Es-sa mo-da bo - a nós can-ta pro sol Co-co-ri-

Voz

Co-co-ri - có Co-ri-có Co-co-ri - có Es-sa mo-da bo - a nós can-ta pro sol Co-co-ri-

5 A E B7 E

Vo.

có Co-ri-có Co-co-ri - có Es-sa mo-da bo - a nós can-ta pro sol

Vo.

có Co-ri-có Co-co-ri - có Es-sa mo-da bo - a nós can-ta pro sol

Fonte: O autor (2020)

Figura 2: “O Inverno Vai Passar.” Letra: Humberto Silva Júnior. Adaptação: Sonia Amorim, Sarah Ribeiro e Brenda Louzada. Arranjo: Hugo Bautz Küster.

Adp. Sonia Amorim,
Sarah Ribeiro,
Brenda Louzada

O Inverno Vai Passar

Música das Formigas

Humberto Silva Júnior
Arr. Hugo B. Küster

$\text{♩} = 120$ D A7 D

Soprano
For - mi-ga For - mi-ga um dois três e Já! Tra - ba - lho tra-ba - lhodia - a -

Contralto
For - mi-ga For - mi-ga um dois três e Já! Tra - ba - lho tra-ba - lhodia - a -

Barítono
For - mi-ga For - mi-ga um dois três e Já! Tra - ba - lho tra-ba - lhodia - a -

6 D A7 G D

Sop.
di - a Pa-ra nos a - li - men - tar en-fren - tan-do sol e chu-va_____ To-das

C.
di - a Pa-ra nos a - li - men - tar en-fren - tan-do sol e chu-va_____ To-das

Bar.
di - a Pa-ra nos a - li - men - tar en-fren - tan-do sol e chu-va_____ To-das

12 A7 D A7 D

Sop.
jun - tas va - mos lá! For - mi-ga For - mi-ga um dois três e Já!

C.
jun - tas va - mos lá! For - mi-ga For - mi-ga um dois três e Já!

Bar.
jun - tas va - mos lá! For - mi-ga For - mi-ga um dois três e Já!

Fonte: O autor (2020)

Figura 3: “Rap das Coelhas” Letra: Brenda Louzada. Música: Rap Eletrônico.

Rap das Coelhas

Música das Coelhas

Brenda Louzada

♩ = 90

Dm C

Vou man - dar um pa - po bom na ver - da - de'eu vou ri -

2 Dm C

mar Nós co - me - mos ce - nou - ri - nhas e gos - ta - mos de fa -

3 Dm C Dm FALADO

lar Mi-nhama-na ta a-qui pra po-der me a-poi - ar que-ro'ou-vir vo-cês can-tan-do vai co-e - lhas

5 Dm Gm

Nós po-de-mos ri-mar e can - tar nós po-de-mos pu-lar e dan - çar

7 Dm Dm

vem co-mi-go va-mos ba-lan - çar vai co - e - lha!

Fonte: O autor (2020)

Figura 4: “Vogal do amor” Letra e música: Sonia Amorim. Arranjo: Hugo Bautz Küster.

Vogal do Amor

Letra e Música: Sonia Amorim
Arr. Hugo B. Küster

$\text{♩} = 60$

Soprano
A E I O U u-ni-dos U O I E A a-mi-gos A de a-mi-za - de E de es-pe-ran - ça

Contralto
A E I O U u-ni-dos U O I E A a-mi-gos A de a-mi-za - de E de es-pe-ran - ça

Barítono
A E I O U u-ni-dos U O I E A a-mi-gos A de a-mi-za - de E de es-pe-ran - ça

4 **Sop.** Fm B \flat 7 E \flat A \flat E \flat Cm
I de i-gual-da - de O de o-bri-ga - do U de u-ni-ão A - mi - gos Po-

C.
I de i-gual-da - de O de o-bri-ga - do U de u-ni-ão A - mi - gos Po-

Bar.
I de i-gual-da - de O de o-bri-ga - do U de u-ni-ão A - mi - gos Po-

6 **Sop.** A \flat E \flat E \flat
de - mos ser i - guais den - tro do co - ra - ção

C.
de - mos ser i - guais den - tro do co - ra - ção

Bar.
de - mos ser i - guais den - tro do co - ra - ção

Fonte: O autor (2020)

Considerações finais

Baseado na compreensão sobre o poder da música e suas implicações no tratamento de pessoas com deficiência mental, buscou-se observar os resultados, através da aplicação da música e seus elementos: ritmo, melodia e a harmonia, componentes diretos na estruturação da música. Estrutura essa que representa a base na qual se apoia o desenvolvimento musical, e por meio dela, a composição da canção apoiada sobre um texto com a finalidade de produzir sentido, e por meio do sentido, fazer surgir ou ressurgir a história do indivíduo. Esse foi o foco do processo criativo: trabalhar as composições com texto canção para a apresentação aos doentes mentais de uma Residência Terapêutica em Vitória-ES.

Sobre a importância da canção, a música pictórica-associativa (ALTSCHULER apud PODOLSKY, 1954, p. 32)¹⁷, tem o poder de evocar a memória de experiências vividas que estão registradas em algum espaço no passado cognitivo desse paciente, e na realização deste trabalho de aprendizagem e experimentação, teve um papel de destaque no processo da composição do espetáculo musical.

Todos os processos pensados e desenvolvidos para a apresentação tiveram, em seu objetivo geral, o intuito de observar, compreender e estabelecer uma comunicação que gerasse uma identidade entre as composições cênicas, os pacientes e seus cuidadores.

Presente no processo de construção de conhecimento, contamos com a participação de uma psicóloga da instituição e visitas ao local para conhecer a realidade dos pacientes, e assim, obter elementos do cotidiano, para melhor preparar o espetáculo com a anuência da Instituição responsável pelos pacientes.

Para o grupo de alunos significou uma experiência inigualável, por meio do tempo de convivência durante o tempo de formulação, desenvolvimento e apresentação, possibilitou ao grupo de graduandos um aprendizado de respeito e consciência para com as diferenças apresentadas. Através dos processos distintos, produziu-se novos conhecimentos para o desenvolver de novas pesquisas, na intenção de dar visibilidade e respeito às pessoas

¹⁷ Pictorial associative music is played next to stimulate imagery and associations. Through such music the calling up of various past experiences is facilitated. Music leaves not only a "memory" in the mind but in the emotional sphere in movements and muscles.
ALTSCHULER, Ira M. The past, present and future of musical therapy. In: PODOLSKI, Edward. *Music Therapy. Philosophical Library. New York, 1954, p.32.*

com deficiência mental. Ademais, também se revelou em um desafio que a avaliação final da disciplina tenha sido finalizada com o próprio espetáculo, além dos processos de elaboração.

Musicalmente, a realização do objetivo pedagógico teve pleno êxito, enquanto serviu de grande estímulo para a elaboração de composições de textos e música, arranjos e interpretação das cenas, dando aos alunos a possibilidade de experienciar uma apresentação semiprofissional a um público que propiciou grande desafio aos alunos.

O espetáculo foi pensado de forma a interagir e comunicar-se com o público especial, que cognitivamente apresentava a idade mental entre 03 a 08 anos de idade, visando despertar relações positivas em um momento que gerasse uma emoção de identidade com as canções propostas, com pleno êxito, expresso pelos próprios pacientes e a sua participação atenta e expressa verbalmente, ao final, bem como por parte dos cuidadores que naquele momento puderam ter um momento de serem também cuidados por meio da recreação. Como bem coloca (SALLES; BARROS, 2012), a inclusão social do doente mental dá-se pela circulação dos pacientes em meio à sociedade, participando em diferentes ambientes sociais que antes não lhes seria possível, devido às estigmatizações sociais de preconceito que lhe são dadas.

Finalmente a inclusão social aconteceu pelo fato de que os próprios pacientes e cuidadores deslocaram-se de sua instituição originária para participar do evento na sala da disciplina da universidade que foi devidamente preparada para acolhê-los, com ornamentações próprias condizentes com o espetáculo, e pelos próprios alunos que criaram uma equipe de acolhida dos mesmos, desde a porta do departamento até a sala preparada para o espetáculo. Evento este, que foi inédito para todos.

Com a expressão de uma das pacientes que ao sair da sala no final do espetáculo, dirigiu-se a docente responsável pelo projeto e ressaltou: “professora também quero estudar aqui e ser sua aluna”, encerramos a experiência que nestas palavras encerram com êxito nossos objetivos, deixando como estímulo aos cursos de Licenciatura em Música, que experiências como estas, plenas de sentidos para todos, possam se realizar cada vez mais.

Assim, se elegermos uma visão realmente transdisciplinar e de interação entre as educação musical e a musicoterapia, tributária de ciências como a psiquiatria a psicologia e a pedagogia, esta fala da paciente citada nos atesta segundo (SALLES; BARROS, 2012; GAINZA

,1982; SANTOS; LOPARDO, 2018), que esta ação realmente representou, ainda que em pequenas proporções, um momento que contribuiu para a inclusão social destes pacientes em um ambiente que normalmente seria de quase impossível acesso aos mesmos. Isto significa trazer a realidade, tantas vezes negligenciada, para dentro da academia.

Referências

ALBINO, César; LIMA, Sonia Regina Albano de. A Aplicabilidade da Pesquisa-ação na Educação Musical. Revista Música Hodie. Goiânia, n.2, v.9, 2009, p. 91-104. Disponível em:

<https://www.revistas.ufg.br/musica/article/view/11251/7394>. Acesso em: 09 out. 2020.

ALTSCHULER, Ira M. The past, present and future of musical therapy. In: PODOLSKI, Edward. *Music Therapy. Philosophical Library. New York, 1954, p.24-35*.

ALVARES, Thelma Sydenstricker; JUNIOR, J. G. D. M. Educação Musical na Diversidade: o fazer musical com pessoas em sofrimento psíquico. *Interlúdio*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, p. 67-73, jun./2015. Disponível em: <https://cp2.g12.br/ojs/index.php/interludio/article/view/1556/1121>. Acesso em: 25 ago. 2020.

ANDRADE, Mário de. *Dicionário musical brasileiro*. São Paulo: Editora da USP, 1989. (Coleção reconquista do Brasil. 2. Série. V. 162).

AREIAS, José Carlos. A música, a saúde e o bem estar. *Nascer e Crescer*, Porto, v. 25, n. 1, p. 7-10, mar. 2016. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0872-07542016000100001&lng=pt&nrm=iso>. acessos em: 25 ago. 2020.

ARNDT, Andressa; VOLPI, Sheila. *A canção e a construção de sentidos em musicoterapia: história de mulheres em sofrimento psíquico*. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, n 12, 2012, p. 27-38. Disponível em: <<http://www.revistademusicoterapia.mus.br/wp-content/uploads/2016/10/A-can%C3%A7%C3%A3o-e-a-constru%C3%A7%C3%A3o-de-sentidos-em-musicoterapia-hist%C3%B3ria-de-mulheres-em-sofrimento-ps%C3%ADquico.pdf>> Acesso em: 20 ago. 2020.

BARCELLOS, Lia Rejane Mendes. *Musicoterapia em medicina: uma tecnologia leve na promoção da saúde – a dança nas poltronas*. *Revista Música Hodie*. Goiânia, n.2, v.15, 2015, p. 33-47. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/musica/article/view/39679/20243>> Acesso em: 24 ago. 2020.

BENZON, Rolando. *Teoria da Musicoterapia. Contribuição ao conhecimento do contexto não-verbal*. São Paulo, Summus Editoria, 1988.

BRASIL, Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. acesso em: 24 ago. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. *Atendimento Educacional Especializado: Deficiência Mental*. Curitiba: Cromos, 2007. 81 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/aee_dm.pdf> Acesso em: 24 ago. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Residências Terapêuticas: o que são, para que servem*. Brasília: Editora MS, 2004. 16 p. Disponível em: <<http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/120.pdf>> Acesso em: 14 out. 2020.

CAMPOS, Daniel. D. C. Música; neuropsicologia; transtorno do déficit de atenção/hiperatividade (TDAH): diálogo entre Arte e Saúde. In: XVI CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 2006, Brasília, *Anais. ANPPOM*, 2006. p. 608-612. Disponível em: <http://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2006/CDROM/COM/05_Co m_Musterap/sessao01/05COM_Musterap_0105-255.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2020.

CHAGAS, Marly. A canção, o cantor e o cantor – uma reflexão teórica. In: XIV Simpósio Brasileiro de Musicoterapia/XII Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia, 2012, Olinda. *Anais do XIV Simpósio Brasileiro de Musicoterapia*. Olinda, 2012. pp. 28-37. Disponível em http://14simposiomt.files.wordpress.com/2012/02/final_-_xiv_simpc3b3sio.pdf. Data de acesso: 26 ago. 2020.

GAINZA, Violeta de. *Estudos de Psicopedagogia Musical*. São Paulo, Summus Editorial, 1982.

GOULART, Maria Stella Brandão; DURAES, Flávio. A reforma e os hospitais psiquiátricos: histórias da desinstitucionalização. *Psicol. Soc.*, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 112-120, abr. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822010000100014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 ago. 2020.

LOURO, Viviane; ALONSO, L. G.; ANDRADE, Alex F. *Educação Musical e Deficiência: Propostas pedagógicas*. São José dos Campos: Ed. do autor, 2006.

LOURO, Viviane. dos S.; IKUTA, Cássia. Y.; NASCIMENTO, Marilena. “Música e deficiência: levantamento de adaptações para o fazer musical de pessoas com deficiência”. *Arquivos Brasileiros de Paralisia Cerebral*, v. 1, n. 2, p 1-17, 2005. Disponível em: <https://musicaeinclusao.files.wordpress.com/2013/06/adaptacoes_para_o_fazer_musical_de_pessoas_com_deficiencia1.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2020.

MACIEL, Silvana Carneiro et al. Exclusão social do doente mental: discursos e representações no contexto da reforma psiquiátrica. *PsicoUSF*, Itatiba, v. 13, n. 1, p. 115-124, jun. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712008000100014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 ago. 2020.

MUSZKAT, Mauro. *Inclusão e Singularidade. Desafios da Neurociência Educacional*. São Paulo. All Print Editora, 2012.

PASSOS, M. A. N; NETA, E. R. D. C. P. Música como Auxílio Terapêutico para a Saúde Mental de Pessoas com Necessidades Especiais: A Visão da Equipe Multidisciplinar. *Revista Sonora*, Campinas, v. 7, n. 13, p. 1-12, jan./2018. Disponível em: <https://www.publonline.iar.unicamp.br/index.php/sonora/article/view/4165/3999>. Acesso em: 25 ago. 2020.

PIAZZETTA, Clara Márcia de Freitas. *Musicoterapia e ciências cognitivas: possíveis relações entre os processos de pensamento e os processos musicais*. In: *A Pesquisa em Música no*

século 21: trajetórias e perspectivas. XX Congresso ANPPOM, 2010, Florianópolis. Anais..., Florianópolis, 2010, p. 1104-1107. Disponível em:
<https://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2010/ANAIS_do_CONGRESSO_ANPPON_2010.pdf> Acesso em: 24 ago. 2020.

PODOLSKI, Edward. Music and Mental Health. In: *Music Therapy. Philosophical Library. New York, 1954, p.11-23.*

SALLES, Mariana Moraes; BARROS, Sônia. Inclusão social de pessoas com transtornos mentais: a construção de redes sociais na vida cotidiana. *Ciênc. Saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 7, p. 2129-2138, jul. 2012. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013000700028&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 14 out. 2020.

SANTOS, Giovana Brizolla Algarve; LOPARDO, Carla Eugenia. Educação Musical e Musicoterapia: articulações entre ensino e terapia visando à inclusão e à formação integral de sujeitos. XVIII ENCONTRO REGIONAL SUL DA ABEM, Santa Maria, set. 2018. Disponível em:
<<http://abemeducaomusical.com.br/conferencias/index.php/sl2018/regsl/paper/viewFile/2933/1660>> Acesso em: 14 out. 2020

SASSAKI, R. K. Terminologia sobre deficiência na era da inclusão. In: VIVARTA, V. (Org.) *Mídia e Deficiência*. Brasília: Andi; Fundação Banco do Brasil, 2003. p. 160-165. Disponível em:
<<https://www2.camara.leg.br/a-camara/estruturaadm/gestao-na-camara-dos-deputados/responsabilidade-social-e-ambiental/acessibilidade/como-falar-sobre-as-pessoas-com-deficiencia>> Acesso em: 24 ago. 2020.

ZANINI, Claudia Regina de Oliveira; PIAZZETTA, Clara Márcia de Freitas. Trajetórias da pesquisa de musicoterapeutas brasileiros. In: A Pesquisa em Música no século 21: trajetórias e perspectivas. XX Congresso ANPPOM, 2010, Florianópolis. Anais..., Florianópolis, 2010, p. 1108-1113. Disponível em:
<https://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2010/ANAIS_do_CONGRESSO_ANPPON_2010.pdf> Acesso em: 26 ago. 2020.